

MEU PAI, UM DEPOIMENTO SINGELO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i26p115-120>

Miriam Chnaiderman¹

Filha de Boris Schnaiderman

Eu tinha seis anos de idade, era ruiva, cabelo crespo, dentuça, menina sardenta que se sentia muito desajeitada e com poucas habilidades nas aulas de Educação Física. Estudava em uma escola pública, morávamos em um prédio pequeno, na Avenida Paulista. Meus pais, por um posicionamento político, escolheram me colocar em um grupo escolar. Eu aprendendo a escrever.

Sempre, em torno das 20:00, eu e meu irmão Carlos íamos para a cama. E adormecíamos com meu pai lendo algum livro ou contando alguma história improvisada. Até hoje lembro do livro “ Histórias do Não-Sabe-Nada” de algum autor russo. Queria lembrar, andei procurando por sebos e pela internet e não achei. Depois de 20 minutos ou meia hora, meu pai apagava a luz e deixava a porta entreaberta. Sentava então na mesa da sala de jantar junto com minha mãe para trabalharem na revisão de alguma de suas traduções. Eu ficava atenta, ouvindo. Foi assim que, desde cedo, escutei os clássicos russos, lidos pela minha mãe, enquanto meu pai ia cotejando no russo. Depois, nas redações da escola, tentava reproduzir o que havia apreendido noite adentro. Lembro de uma redação, que guardo até hoje, onde imitei não sei se Gorki ou Tchekhov. A professora, surpresa, quis conversar com meus pais. Acho que tive algum êxito na imitação... Por sorte, a professora desse primeiro ano era sensível. Gostou das paisagens com pôr-do-sol que coloquei nos meus primeiros textos. Mas, a professora do segundo ano era uma bruxa má. Lembro da sua cor esverdeada, e os cabelos que embranqueciam feitos em trança e presos em um coque. Tinha vindo da Polônia e contava horrores dos carrascos comunistas que comiam criancinhas... Um dia meus pais me flagraram de pé na cama apavorada com medo do comunismo, que segundo Dona Ludmila, estava chegando no Brasil. Logo eles que, fazendo jus a toda uma história de militância na esquerda brasileira, haviam escolhido o grupo escolar para me colocar... Fui imediatamente removida daquele lugar com professores que assustavam criancinhas falando do comunismo. Fui

¹ Filha de Boris e de Regina Schnaiderman, Miriam é psicanalista, escritora e cineasta.

estudar em um colégio da elite paulista onde minha mãe lecionava química. Sempre me senti muito estranha naquela escola chique. E, depois, na adolescência, vivi uma solidão atroz. Não tinha como compartilhar o Beethoven e o Bach que escutava em casa. Nem o XVIII Brumário que me deram para ler aos quinze anos...

Passei muitos anos escutando meus pais revisando as traduções. Havia também um cuidado imenso na escolha do que eu e meu irmão devíamos ler. Sempre víamos nossos pais debruçados em livros. Na sala, a estante imensa, que no início dos anos 70 foi vasculhada pela polícia da ditadura. Só depois a estante saiu da sala e meu pai teve seu escritório separado. Os filhos já estavam fora de casa e isso ficou possível.

A paixão de meus pais pelo estudo e pela leitura, revelava-se no dia a dia da minha casa. Toda segunda-feira, eles saíam para ir ao grupo de estudos na casa de Jacó e Guita Guinzburg, com Anatol Rosenfeld. Esse grupo começou nos anos 50 e durou até a morte de Anatol, nos anos 70. Frequentavam esse grupo Isaías Melsohn, Léo e Rita Seincman, Sula e José Terepins, Fanny e Isaque Schenkman, irmão da minha mãe. Esse era o núcleo de amigos da juventude da minha mãe e que se acompanharam por toda a vida. Também frequentaram o grupo Zulmira Tavares, a psicanalista Amazonas Alves Lima, Ruth Simis, entre outros. Alguns filósofos da USP passaram por lá. Lembro que leram juntos a “Crítica da Razão Pura” de Kant. Foram anos e anos de grupo de filosofia na segunda-feira.

O carinho do meu pai com seus livros era impressionante. Cuidava deles como bichinhos de estimação. Sempre que eu pegava algum livro de sua estante, eu era cobrada a devolver o mais rapidamente possível. Às vezes eu demorava a devolver...

Demoramos para ter uma televisão em casa. A vida era lutada. Lembro do primeiro Repórter Esso. Era o momento onde sentávamos todos, a TV em preto e branco, aquela antena, os botões para cuidar do foco e dos risquinhos na tela. Segui “O sítio do pica-pau amarelo” religiosamente. Fiquei apaixonada pelo Pedrinho. No final de cada episódio, Júlio Gouveia aparecia e terminava sua fala “... mas essa é uma outra história que fica para uma outra vez”. E ficava... Lembro da emoção de conhecer o homem da televisão, quando nos levaram à casa de Júlio Gouveia e Tatiana Belinky. Meu pai, volta e meia os visitava. Tatiana e meu pai sempre conversavam muito.

Meu pai era revisor na Editora Jakson. Como relatava, fazia verbetes para uma enciclopédia. Isso depois de ter abandonado a profissão de agrônomo. Mas, já era chamado quando alguma personalidade russa vinha ao Brasil. Foi intérprete de Iuri Gagarin, o primeiro homem a ser enviado para o espaço e que disse que a terra é azul.... Eu tinha uma foto dele com uma dedicatória em meu Diário.

Era meu pai que nos levava aos teatrinhos, aos passeios. Até escalamos o Pico do Jaraguá. Fizemos viagens incríveis até o Rio de Janeiro onde moravam meus avós paternos. Íamos de trem-leito. Eu adorava. Sinto saudades daquela cabine desajeitada e da janelona. Aquele barulhinho do trem e a paisagem lá fora, a lua nos seguindo... Sempre que chegávamos, meu avô Salomão nos levava à Lojas Americanas para comprar presentes. Era uma figura imponente. Depois soube que, em algum momento da vida, ele trabalhara com distribuição de filmes russos. Lembro que chamava minha avó de “mussinka”, gatinha em russo. Era nesse contato com a família do meu pai que eu escutava o russo. O apartamento deles ficava na r. Toneleiros. Tinha um quarto grande com um sofá-cama onde nós quatro nos acomodávamos. Meu avô tinha enfisema pulmonar, muita dificuldade para respirar. Morreu disso. Muitas vezes meu pai foi ao Rio para cuidar do pai. Ficamos um tempo sem ir ao Rio. Depois que meu avô morreu, meu pai passou a nos levar ao Rio todas as férias, pois minha avó passou a morar sozinha. Íamos à praia bem em frente da r. Toneleiros, em plena Copacabana. Lembro que um dia Carlos se perdeu e acabou trazido por alguém que conhecia meu pai, pois se pareciam muitíssimo. De tarde, íamos ao zoológico, aos museus, fomos a Paquetá onde meu pai me ajudou a perder o medo de andar de bicicleta.

No Rio, sempre visitávamos minha tia Berta, irmã do meu pai. Eu bem pequena, lembro de um apartamento imenso, entre Leme e Copacabana. De frente prá o mar. Logo minha tia ficou viúva. Tia Berta era arquiteta, tinha construído a ponte na Floresta da Tijuca. Aparecia nas colunas sociais. As refeições eram servidas à francesa e eu morria de medo de derrubar alguma coisa.... Meu pai também. Lembro de um Manabu Mabe na sala de jantar e de um lindo Franz Krajcberg, que era seu amigo. Quando minha tia adoeceu, já aos 90 anos, meu pai, agora acompanhado de Jerusa, foram dedicados e muitas vezes foram ao Rio.

A verdade é que meu pai e minha tia foram criados por uma aristocracia russa da Ucrânia, onde se devia usar palavras francesas, como nos romances, e onde os bons modos vinham do Ocidente. Era feio falar ídiche e o judaísmo não devia aparecer. Mas, contava meu pai, quando precisavam falar entre eles, falavam em ídiche. Assim é que, meu pai entendia, mas não falava o ídiche e minha mãe entendia e não falava o russo. Minha mãe viera da Bessarábia com seis anos e como seus pais conseguiram a documentação brasileira para a ela, foi obrigada a esquecer o russo. Eu e meu irmão, nessa barafunda toda, não aprendemos nem o ídiche nem o russo. Até hoje me ressinto disso... adoraria ler Freud em alemão...

Lá pelo começo da adolescência, meu pai já no curso de russo da USP, reivindicamos que ele nos ensinasse o russo. Conseguimos aprender

o alfabeto, mas não passamos disso... Como dizia meu pai, “santo de casa não faz milagre...”.

Eu e meu irmão crescemos em meio a esses mundos todos. Em meio ao que meu pai contava do que viveu como pracinha da FEB, quando se entusiasmava e falava muito, em meio aos encantamentos por Eisenstein, em meio aos seus silêncios.

Lembro perfeitamente dos dias tristes e cinzentos quando aconteceu o golpe de 64. Na rádio só marchas militares. Meu pai sempre era abalado pelos acontecimentos políticos. Lembro que Haroldo de Campos estava em viagem de estudos na Europa e quando chegou teve uma crise depressiva.

A amizade do meu pai com os concretistas começara nos primórdios do Curso de Russo, quando Haroldo e Augusto, os irmãos Campos, foram iniciar seus estudos com meu pai na r. Maria Antônia. Não lembro se Décio Pignatari foi também. Mas lembro sim dos saraus que passaram a acontecer em casa, onde tomei contato com os Anagramas de Paul Valery, que também passei a imitar. Pedro Xisto, importante poeta do concretismo, debruçava-se encantado com as minhas produções. Passei então a acompanhar o minucioso trabalho de tradução que meu pai fazia com Haroldo e Augusto. Muitas leituras de poemas em russo e depois em português eram feitas em meio a almoços que minha mãe adorava oferecer.

Fui bem privilegiada, pois acompanhei meus pais nessa conexão que eles tinham com o que era a vanguarda no pensamento e no mundo das artes. Foi assim que meu pai trouxe o importante linguista Roman Jakobson e sua mulher, Cristina Pomorskaia para falar na USP. Trouxe Todorov também. E eu, adolescente presunçosa, ia a todas conferências e debates e festas.

Depois, eu pude estar próxima de Júlio Cortázar em sua vinda ao Brasil. Em meu início de adolescência acompanhava meu pai à Cinemateca, chamado por Paulo Emílio Sales Gomes para traduzir as legendas em russo do primeiro cinema soviético. Foram meus pais que emprestaram o samovar da peça “Os pequenos burgueses” no Teatro Oficina. Zé Celso frequentava nossa casa. O samovar nunca mais apareceu... Quando Tcherkassov, ator de Ivan, o Terrível, veio ao Brasil, acompanhei meu pai que na tradução de suas falas, acabava representando dramaticamente para ser fiel....

Tenho orgulho de ter apresentado a eles a bossa nova! Fui eu que levei para casa o primeiro LP do João Gilberto. E, demoraram para viver o encantamento que depois viriam a ter... Depois, através dos irmãos Campos, conviveriam com Caetano Veloso, Tom Zé e toda tropicália. Eu, em pleno 68, fui fã ardorosa da Tropicália, apesar do ódio da esquerda que defendia Geraldo Vandré. Meu irmão um dia destruiu minha vitrolinha que meu pai me trouxera de sua primeira viagem aos Estados Unidos...

O doutorado do meu pai, com sua tese sobre Maiakóvski foi marcante. Na banca, Sérgio Buarque de Holanda, ao lado de Antonio Candido, seu orientador, contava histórias engraçadas. Aliás, meu pai negava-se a colocar gravata, apesar do pedido veemente de Antonio Candido.

Eu e Carlos, já adolescentes, começamos a nos introduzir na esquerda. Líamos Marx, participávamos de grupos de formação. Era plena ditadura e nós dois sentíamos a necessidade de contestar e lutar por um mundo melhor. Lembro que meu pai nos acompanhava nessa busca, fazia questão de ler todos os documentos clandestinos que trazíamos para casa. Fomos então para o Colégio de Aplicação. E cada um tomou seu caminho na militância.

O Colégio de Aplicação da USP, em 1967, era importante núcleo do movimento secundarista. E, como todos éramos menores de idade, os pais acabavam participando muito. Lembro que os pais realizaram uma assembleia para decidir se dariam o voto de confiança aos filhos, que planejavam uma greve. Meus pais defendiam que sim, é claro. Nós, adolescentes, tomamos a escola. Antes da USP da r. Maria Antônia ser tomada. Fomos expulsos pela polícia, carregando cartazes com dizeres tais como "A força é a razão de quem não tem razão". Lembro que íamos às passeatas como secundaristas e que eu cruzava com meu pai, nos grupos de professores. Numa das vezes, diante da repressão, meu pai grudou na alça da minha bolsa e ficou junto. Um menininho ao meu lado pediu a ele que o cuidasse também...

Em 69, pós AI5 meu pai seria chamado em uma CPI e acusado de agir, através de sua mulher Regina, na greve do Colégio de Aplicação. Vieram tempos difíceis. O regime endurecera e a repressão ao movimento estudantil foi enorme. Lembro da polícia invadindo a sala de aula de meu pai, onde ele disse a famosa frase "O meu giz contra a sua metralhadora". Foi para no DOPS, claro. Ficou lá algumas horas e voltou para casa.

Uma outra vez, foi buscado em casa, pois haviam grampeado uma conversa telefônica com um aluno onde falava sobre o poeta Serguei Iessenin. Achavam que Iessenin seria um código secreto. Dessa vez, foi levado para a OBAN, que começava a atuar cruelmente. Voltou tarde da noite. Lembro que Antônio Cândido foi até nossa casa para ficar com a minha mãe.

Nesse meio tempo, meu irmão ia se embrenhando na luta armada contra a ditadura. Minha mãe se desesperava. Meu pai sempre respeitou nossas escolhas. Admirava muito meu irmão.

Depois de um certo momento, meu irmão foi para a clandestinidade e acabou tendo que se exilar no Chile. Meu pai foi ao Chile acompanhá-lo e ver como podíamos ajudá-lo. Era impressionante a cumplicidade e solidariedade de meu pai. Pela vida afora. Meu irmão casou e teve seu

filho, Jonas, no Chile. Viajamos algumas vezes para estar com ele e Jonas em Santiago.

Nesse meio tempo nasceu Luana, minha filha. Meu pai foi avô carinhoso e presente.

Depois, meu pai e minha mãe foram ao encontro do meu irmão em Moscou, pois com o golpe no Chile, ele escolheu viver em Cuba.

Depois, a Anistia, a volta do meu irmão e sua escolha de viver em Guarulhos. Onde vive até hoje. E onde casou e teve mais um casal de filhos., Beatriz e Lucas. Permanece na sua batalha por um mundo melhor.

Por um ano e meio acompanhamos a luta de minha mãe contra um câncer que culminou na sua morte. Foi bem difícil.

Depois da morte da minha mãe, meu pai passou a vir todo final de tarde contar histórias para Luana. Eu trabalhava até mais tarde e ele me ajudou muitíssimo. Vi meu pai ir se conectando com a vida.

Naquele momento tinha quase 70 anos. Foi quando encontrou Jerusa, com quem se casou. Tiveram uma linda vida de parceria e troca. Viajaram mundo afora. Foram várias vezes à Rússia. Em uma das viagens, da janela do hotel avistavam bandeiras vermelhas na famosa ponte do filme Outubro. Em vez do foice e martelo, a propaganda da Coca-Cola...

Quando meu pai adoeceu, sempre que eu ia ao hospital, ele e Jerusa estavam conversando sobre algum poeta, algum texto... Sempre disse a eles, que seria muito bom poder gravar aquelas conversas. Infelizmente não gravaram.

Meu pai e Jerusa construíram um jeito de viver muito deles. Sempre se respeitaram no modo de ser. Meu pai dizia que tinha uma vida feliz. Queria chegar aos 100 anos. Chegou aos 99.

Até hoje, quando leio no jornal algo que me coloca uma dúvida, sinto vontade de ligar para o meu pai. Que sempre sabia me situar, me contar uma longa história. Muitas vezes ainda tenho o ímpeto de pegar o telefone e ligar. Comentar o terrorífico que estamos vivendo nesse momento, e talvez ser acompanhada nessa amargura que vai penetrando a alma.

A filha de José Wilker, em um depoimento em um pequeno texto na Ilustríssima, falou que quando alguém desaparece, esse alguém se esparrama pelo mundo. Passa a estar no vento, na chuva, nos ruídos da cidade... É assim que sinto ... a presença do meu pai no mundo e em mim.

Minha gratidão se esparramando no que faço.